

Dois poemas inéditos de José María Álvarez Blázquez

José-Martinho Montero Santalha

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

MONTERO SANTALHA, JOSÉ MARTINHO (2011 [2007]). “Dois poemas inéditos de José María Álvarez Blázquez”. *Agália*: 91-92, 39-42. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/172>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

MONTERO SANTALHA, JOSÉ MARTINHO (2007). “Dois poemas inéditos de José María Álvarez Blázquez”. *Agália*: 91-92, 39-42.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

Dois poemas inéditos de José Maria Álvarez Blázquez

[Nota introdutória de José-Martinho Montero Santalha]

Publicamos dois poemas inéditos de José Maria Álvarez Blázquez, que nos facilitou o seu filho o professor Celso Álvarez Cáccamo, a quem manifestamos mais uma vez o nosso agradecimento⁽¹⁾. Oferecemos a reprodução facsimilar dos respectivos originais manuscritos, e uma transcrição.

Ambos os poemas apresentam a particularidade de estar escritos (e elaborados) pelo próprio autor numa normativa intencionalmente reintegrada, embora com erros e incoerências, aliás bem explicáveis e desculpáveis. Que se saiba, não se conservam de Álvarez Blázquez mais textos em grafia portuguesa.

Os poemas pertencem à época juvenil do autor (anos 1932 e 1934)⁽²⁾.

Segundo nos informa Celso, nessa época Álvarez Blázquez escrevia as suas composições poéticas geralmente a lápis, e depois copiava a versão final, com caligrafia cuidada e a tinta, nuns cadernos de poesia. Uma série dessas poesias tinha o título «Abril»; dela extraiu poemas em castelhano para o seu primeiro livro poético, intitulado também *Abril* (publicado em 1932, quando tinha só 17 anos e seguia o primeiro curso da carreira de Magistério em Pontevedra). Outra série intitulava-se «Iris».

Cronologicamente, os poemas começam no ano 1927, quando era um adolescente de apenas 12 anos: o seu primeiro poema em galego, «Queixa», escreveu-o com essa idade, 12 anos.

O primeiro dos dois poemas inéditos aqui publicados, intitulado «Foje!», está datado “Túy 6-3-1932”, portanto quando o autor tinha 17 anos. Aparece com o subtítulo “Portugués”, e faz parte de uma série de poesias que constituíam exercícios em “línguas distintas”: outro poema

1. Não foram incluídos na sua *Poesía galega completa* organizada pelo seu filho Xosé María Álvarez Cáccamo: ÁLVAREZ BLÁZQUEZ, Xosé M.^a (1987): *Poesía galega completa: Prólogo de X. L Méndez Ferrín; Presentación, cronoloxía e bibliografía de Xosé M.^a Álvarez Cáccamo; Epílogo de Emilio Álvarez Blázquez*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 168 pp. Está previsto que sim apareçam publicados numa nova edição da poesia galega completa de Álvarez Blázquez que prepara Xavier Rodríguez Baixeras.

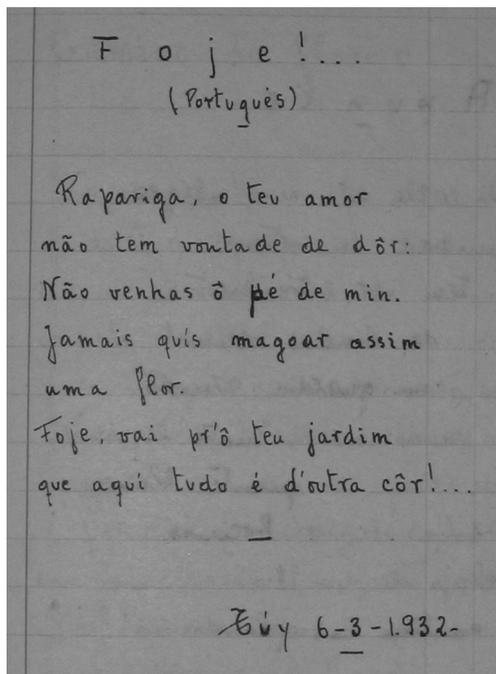
2. Anuncia-se que, dentro do programa de actividades comemorativas do centenário de José Filguera Valverde, o Museu de Pontevedra publicará proximamente a “antologia consultada da poesia galega” que Filgueira organizara pelos anos da Segunda República, e que ficou inédita até hoje, e que entre os poetas aí incluídos aparece também José Maria Álvarez Blázquez com várias composições, que deverão portanto proceder do mesmo tempo que as duas aqui publicadas.

tem o subtítulo «Francés», e outro «Italiano». Neste caso, portanto, o «português» é para ele uma língua distinta. É o poema num. 3 do caderno manuscrito intitulado «Abril».

O segundo, intitulado «A final...», é o poema núm. 5 do caderno que leva o título «Iris». Está datado “Pontevedra 4-2-34”, que era o dia do seu 19 aniversário. Escreveu-o, pois, quando residia em Pontevedra a estudar Magistério. Morava na casa de seu tio, também poeta em galego, Gerardo Álvarez Limeses. Filha de Gerardo era Amália (portanto prima dele), casada com Alexandre Bóveda, que fazia visitas frequentes à casa dos sogros.

É possível que fosse precisamente o contacto com esse ambiente galeguista e intelectual da família, da cidade e da época, o que o movesse a “experimentar” neste poema uma grafia distinta. Aqui não aparece anotação alguma do autor a respeito da “língua” utilizada, e o poema encontra-se entre outra série deles em galego. Quer dizer, não parece que neste caso o moço Álvarez Blázquez visse este uso da normativa linguística como uma prática noutra “língua”.

Posteriormente parece que quis “regularizar” essa normativa linguística, seguramente com vistas a uma possível inclusão do poema num livro, e introduziu com esse fim algumas modificações no texto. Em princípio parece que deveríamos tomar essa versão “corrigida” como definitiva; mas o filho Celso advertia fundamentamente que, se assim fosse, seu pai a teria copiado em caligrafia cuidada, como sempre fazia; de facto, não incluiu o poema em nenhum dos seus livros poéticos. De modo que parece mais acertado assumirmos como definitiva a versão original; no entanto, em notas assinalaremos em cada caso as variantes introduzidas por cima a lápis.



Foje!...

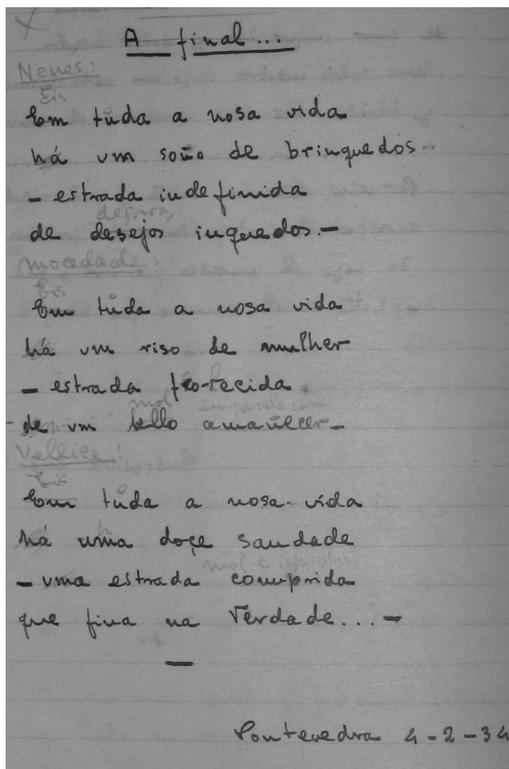
(Português)

Rapariga, o teu amor
 não tem vontade de dôr:
 Não venhas ô pé de min.
 Jamais quis magoar assim
 uma flor.
 Foje, vai pr' ô teu jardim
 que aquí tudo é d'outra côr!...

Túy 6-3-1932-

*A final...*¹

Em tuda² a nosa vida
 há um³ sonho⁴ de brinquedos
 – estrada indefinida
 de desejos⁵ inquedos–.



1. Por cima do título primitivo *A final...* foi escrito a lápis um novo título *Síntese*; em ambos os casos, os títulos aparecem sublinhados. À esquerda desses títulos foi traçado também a lápis um sinal em forma de xis maiúsculo, que parece ser uma indicação pessoal do autor para prescindir desse texto, talvez no momento de escolher poemas para algum destino particular (como seria a publicação de algum dos seus livros poéticos).
2. Sobre a versão original do poema o autor introduziu posteriormente, a lápis, três títulos intermédios, um para cada uma das três quadras: «Nenez» (isto é, *Nenez*), «Moçedade» e «Vellice», os três sublinhados e seguidos de sinal de dois pontos, para indicar que cada um desses subtítulos faz referência à quadra seguinte. Modificou também os dois vocábulos iniciais de cada quadra *Em tuda*: Sobre a linha por cima de *Em* anotou *Eis*, e por cima do *u* de *tuda* escreveu um *o*, isto é, *toda*; de modo que em vez de *Em tuda* resulta nos três casos uma nova versão *Eis toda*.
3. Sobre a versão primeira *há um* o autor riscou a lápis o primeiro vocábulo, *há*, que ficaria assim suprimido, talvez com a intenção de evitar uma forma pouco usual na fala da Galiza (onde a forma normal é *hai*), e também com o fim de eliminar a sinalefa algo violenta entre *há* e *um*, exigida pela regularidade métrica do verso (pois todo o poema está composto em versos hexassílabos, contando segundo o cômputo métrico português; isto é: heptassílabos no cômputo castelhano). Com essas correções muda também a construção sintáctica dos dois primeiros versos (e o mesmo acontece nas outras duas estrofes): no fim do primeiro há um sinal de dois pontos, com o que o verso segundo fica convertido num desenvolvimento explicativo do primeiro ("Eis toda a nosa vida: / um sono de brinquedos").
4. O poeta riscou com pequenas raías o til da letra ñ, de maneira que em vez de *sono* ficou *sono*.
5. Em vez de *desejos* anotou por cima *degaros*.

Em tuda² a nosa vida
há um³ riso de mulher
– estrada florecida⁶
de um⁷ vello amanhecer⁸–

Em tuda² a nosa vida
há uma⁹ doce saudade
– uma¹⁰ estrada comprida¹¹
que fina na Verdade...–

Pontevedra 4-2-34.

2. Sobre a versão original do poema o autor introduziu posteriormente, a lápis, três títulos intermédios, um para cada uma das três quadras: «Nenés» (isto é, *Nenez*), «Mocidade» e «Velligence», os três sublinhados e seguidos de sinal de dois pontos, para indicar que cada um desses subtítulos faz referência à quadra seguinte. Modificou também os dois vocábulos iniciais de cada quadra *Em tuda*: Sobre a linha por cima de *Em* anotou *Eis*, e por cima do *u* de *tuda* escreveu um *o*, isto é, *toda*; de modo que em vez de *Em tuda* resulta nos três casos uma nova versão *Eis toda*.
3. Sobre a versão primeira *há um* o autor riscou a lápis o primeiro vocábulo, *há*, que ficaria assim suprimido, talvez com a intenção de evitar uma forma pouco usual na fala da Galiza (onde a forma normal é *hai*), e também com o fim de eliminar a sinalefa algo violenta entre *há* e *um*, exigida pela regularidade métrica do verso (pois todo o poema está composto em versos hexassílabos, contando segundo o cômputo métrico português; isto é: heptassílabos no cômputo castelhano). Com essas correções muda também a construção sintáctica dos dois primeiros versos (e o mesmo acontece nas outras duas estrofes): no fim do primeiro há um sinal de dois pontos, com o que o verso segundo fica convertido num desenvolvimento explicativo do primeiro (“Eis toda a nosa vida: / um sono de brinquedos”).
6. Na palavra *floreceda* foram corrigidas as letras *l* e *r*, anotando a lápis sobre elas *r* e *l* respectivamente, de modo que resulta a forma *frolecida*.
7. Em *de um* riscou *de* e acrescentou *n*-, de modo que fica *n-um*.
8. Em vez de *bello amanhecer*, palavras riscadas com lápis, anotou por cima da linha *mol empardecer*. Os dois versos finais dessa quadra ficavam, pois, assim: “– estrada frolecida / n-um mol empardecer–”. Ademais dessa mudança, parece ter convertido o *v* inicial de *vello* em *b* (*bello*); mas seguramente terá razão seu filho Celso quando comenta (em mensagem particular que, pela sua autoridade, me tomo a liberdade de reproduzir): “para mim é mais provável a leitura *vello*: embora se vê um *b*, o traço do *v* é mais forte, como se reforçado; além, duvido que XMAB utilizasse a grafia arcaizante *ll* para *belo*; é mais provável uma hesitação *ll* ~ *lh*, como com *ñ* ~ *nh*. Além, no verso final de cada quarteto (e em outros) parece haver um contraste semântico positivo / negativo, isto é: *desejos* (+) / *inquietos* (-); *finar* (-) / *Verdade* (+); e *vello* (-) / *amanhecer* (+) seria coerente com isto, enquanto *bel(l)o amanhecer* é redundante”.
9. Como nas duas estrofes precedentes, o autor riscou a lápis a palavra *há*, e por cima da linha sobre *uma* anotou um *h*, querendo indicar, supomos, a grafia *umha* (poderia pensar-se que indicava *unha*, mas não há nenhum traço que modifique a letra *m*). Os dois versos iniciais dessa estrofe ficariam, portanto, assim: “Eis toda a nosa vida: / umha doce saudade”
10. A palavra *uma* foi riscada, indicando que devia ser suprimida.
11. Em vez de *comprida* escreveu por cima da linha *mol e ispada*. O verso ficariam assim: “– estrada mol e ispada”.